

Interacções, reflexos e projecções: poéticas dos materiais e das técnicas na obra de José Rodrigues

Maria Leonor Barbosa SOARES

RESUMO:

A obra de José Rodrigues tem vindo a concretizar-se em várias disciplinas artísticas: desenho, escultura, cenografia, medalhística, cerâmica, gravura, ilustração... É transversal a todas as práticas a que se tem dedicado, a análise de mecanismos de desvelamento das potencialidades comunicativas dos materiais. Como exigência e consequência dessa atenção, reconhecemos o envolvimento do escultor num processo de trabalho que continuamente recupera, recria e projecta questões sugeridas por essas vivências da materialidade, reelaborando, conseqüentemente, as estruturas materiais que a elas anteriormente tinha feito corresponder. Procurar-se-á, ao longo desta reflexão, compreender esses mecanismos, no âmbito do desenho e da escultura e, em brevíssimos apontamentos finais, da cenografia e da medalhística.

PALAVRAS-CHAVE:

Arte Portuguesa Contemporânea; José Rodrigues; Poéticas dos materiais

ABSTRACT:

The art work of José Rodrigues has been taking shape in various art fields: drawing, sculpture, scenography, medal work, ceramics, engraving, and illustration. The analysis of the mechanisms through which the communicative potential of the different materials is revealed can be found across all the fields he has been practising in. As a demand and as a consequence of the attention given to materials, we acknowledge the artist's involvement in a process that continually recovers, recreates and projects questions, suggested, in turn, by the ways in which the materiality is experienced; consequently, the material structures that the questions previously bore a reference to are re-elaborated. This essay is a reflection on the above mentioned mechanisms within the fields of drawing and sculpture and, in brief final remarks, of scenography and medal work as well.

KEY-WORDS:

Portuguese Contemporary Art; José Rodrigues; Material poetics

Na aproximação à compreensão das interacções *artista-obra-artista* - como as formas se relacionam com o artista, se vão transformando e, por sua vez, exigindo novas práticas - encontramos José Rodrigues, no início da década de 60, envolvido na exploração das poéticas da matéria em registos expressionistas e informalistas. Sobre o papel materializava rostos magoados ou perplexos, onde a linha se agitava em angulosidades e mudanças de direcção, a tensão acentuada pelas variações de definição do traço, pelas asperezas e tonalidades proporcionadas pela caneta *Flowmaster*. Nos desenhos a pincel, a linha ora sincopada ora deslizante, desfazia-se por vezes em aguadas; então, o negro da tinta-da-china esvanecia-se em subtilidades de densidade e espessura. Em bronze, Ícaros e Guardadores/Guerreiros, enfrentavam o sol e as estrelas, os corpos abertos, ampliando dores e emoções.



Fig. 1. *S/ título*, 1964
Nanquim e aguada s/ papel, 39 x 57 cm
(aprox.) Fundação José Rodrigues, Porto



Fig. 2. *Ícaro*, 1964
Bonze, 30 cm x 42 cm x 31 cm
Convento de S. Paio



Fig. 3. *Guardador de Estrelas I*,
1963/64
Bronze, 115 x 65 x 18,5 cm
Convento de S. Paio

O contexto da guerra colonial inspirava imagens de devastação: rostos e corpos montados a partir de materiais áridos e agressivos, em processos paradoxais de construção, numa organização de texturas (areias, tecidos, arames, fios, papéis amarrotados e colas...) em ambientes de matéria e cor agrestes. A partir de um primeiro contacto com o informalismo catalão – lembremos a exposição “Vinte anos de Pintura espanhola” realizada em Lisboa e no Porto, em 1959, e as suas repercussões na imprensa; lembremos o encontro com Cuixart em Barcelona referido por Francisco Bronze¹ – José Rodrigues ter-se-á interessado pelas possibilidades sincréticos dos efeitos matéricos concentrando a sua atenção em experiências diversas, algumas com expansões notáveis para as três dimensões, como é o caso de *Máscara Africana*, através dos pregos colocados perpendicularmente ao suporte.

¹ BRONZE, Francisco – *José Rodrigues*. Colóquio – Revista de Artes e Letras. Nº 49 (Junho de 1968), p. 36.



Figs. 4 e 5. *Máscara Africana*, ca. 1962 e pormenor
Pintura, pregos, pano, arame, 100 x 70 cm Convento de
S. Paio



Fig. 6. *Guardador de Estrelas II*, 1963
Bronze, 84 x 40 x 33 cm (inc. base)
Convento de S. Paio

Os exercícios de relacionamento entre a bidimensionalidade e a tridimensionalidade proporcionados pelas colagens, durante este anos, conduziram a uma progressiva interrogação sobre os elementos escultóricos e a organização de formas plásticas no espaço. Os volumes de *O Guardador do Sol*² sugeriam, através da massa, outras possibilidades que se vislumbram em *Guardador de Estrelas I* e mais se explanam em *Guardador de Estrelas II*. A colocação da figura em situação instável é associada à marcação do espaço realizada pelo fio – como consequência, esse espaço delimitado pela figura e pelo fio é integrado na obra, de modo inesperadamente activo; sendo fragilizada enquanto massa, a presença da figura é dinamizada enquanto elemento de uma composição de linhas, planos e vazios. No desenvolvimento desta consciência, nos anos centrais da década de

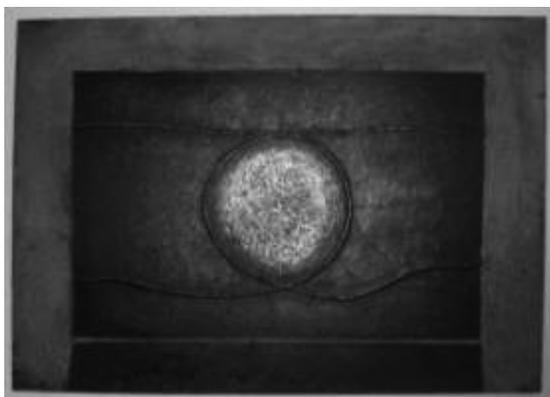


Fig. 7. *S/ Título*, ca. 1966
Folha de prata s/ madeira, 70 x 100 Convento de S. Paio



Fig. 8. *S/ Título*, 1966
Chapa de aço com intervenção na
superfície, zona metálica: 35 x 35
cm; total: 74 x 74 cm Convento
de S. Paio

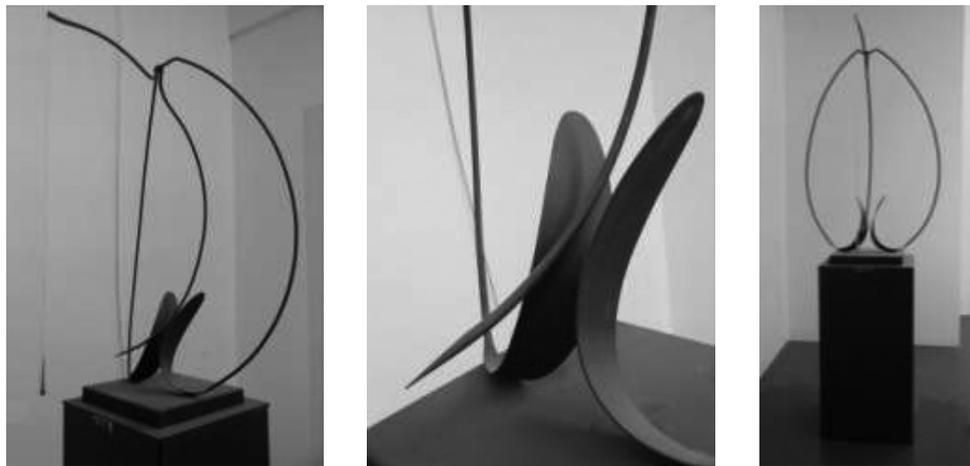
² Ver SOARES, Maria Leonor Barbosa - *Figuras atravessadas por paisagens lentas*. In Revista da Faculdade de Letras - Ciências e Técnicas do Património Porto: FLUP, 2009, vol. V-VI, pp.567-585. Disponível em WWW: <URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6644.pdf>

Ou ainda SOARES, Maria Leonor Barbosa - *José Rodrigues*. Galeria on-line do Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Disponível em WWW: <URL: <http://museu.fba.up.pt/>

60, as temáticas modificam-se no sentido da pesquisa formal, da concentração nos elementos plásticos. A linha torna-se um absorvente objecto de estudo. Dramatiza-se sobre superfícies metálicas (Fig. 7) ou dissolve-se, por vezes, em comparências virtuais num suporte onde de facto não foi inscrita - é o caso da série de trabalhos sobre folhas metálicas em que há uma sugestão de desenho por desnivelamento da superfície (Fig.8).

Nessa série, José Rodrigues compôs subtis curvaturas da chapa, através de depressões ou proeminências pontuais, proporcionando efeitos visuais cinéticos que dependem do movimento do observador, da iluminação e de tudo o que compõe o ambiente em redor. Sempre em mudança, formas abstractas vão surgindo e fugindo sobre a superfície polida. A relação com o espaço do observador é ocasionalmente intensificada: por exemplo, pela integral curvatura da própria chapa que, alternando aparências concavas e convexas, se expande para os espaços aquém e além do suporte. A dinâmica interior/exterior associada ao objecto espelho, os conceitos de vórtice e irradiação, ou as articulações espaciais construídas através de jogos de reflexos, serão quase constantes no percurso do escultor.

Estruturando outras relações plásticas em constante mudança, José Rodrigues desenha, pela mesma altura, a linha no espaço, em equilíbrios delicados ou em igualmente delicadas flutuações. Alargando os universos do desenho e da escultura, *as esculturas metálicas com (e sem) pêndulo*, constituíam-se como construções auto-reflexivas que exigiam validar simultaneamente a condição de *desenho tridimensional*, a condição de *escultura de vazio*, a condição de *objecto híbrido* e a condição de *objecto interactivo*. Nestes objectos compósitos e polissémicos, moldagens de ferro dúctil ou aço, ao negro baço do tratamento da superfície se opõem pequenos elementos polidos (as lágrimas, os pêndulos); por vezes, linhas e planos trocam papéis de acordo com o ponto de vista do observador (Figs. 9, 10 e 11) enquanto, simultaneamente, saem do seu universo formal para evocar memórias de corpos em movimentos estendidos ou sinuosidades de suave erotismo.



Figs. 9, 10 e 11. *SI Título*, ca. 1966

Ferro e liga metálica alt.: 118 cm; larg.: 85 cm; prof.: 70 cm (do fio ao ferro) base. 40,5 x 40,5 x 5,5 cm
Convento de S. Paio

Temas independentes ou instrumentos para interpretações espaciais na série das esculturas em *chapa pintada e recortada* dos finais da década de 60, a linha e o plano em contraponto e acordo, e as oposições positivo–negativo, compunham novas configurações. Uma dimensão cinética revelava os ecos de vibração da cor no ar, em variantes da percepção da luz e da cor sobre o metal, por vezes como prolongamentos de elementos vegetalistas ou em osmose com a natureza eventualmente presente, se não, lembrada como envolvente-memória.



Fig. 12. *SI Título*, entre 1966 e 1969
Chapa recortada e pintada, alt. máxima
(fios metálicos): 88 cm; base: diâmetro:
100 cm; alt elementos verdes: 38 cm
Convento de S. Paio



Fig. 13. *SI Título*, entre 1966 e 1969
Chapa de aço recortada, base: 150 cm x
45 cm (aprox.) alt. máx.: 162 cm

Pensando as formas e o espaço, José Rodrigues, realizava paralelamente trabalhos em duas dimensões, com recortes, colagens de papel e desenho³, num registo de depuração e equilíbrio algo sintonizado com a análise Lissitzkiana, no ordenamento das superfícies e estruturas lineares. Mas, na sua origem – atendendo às formas abstractas escolhidas e sua organização – esteve o mesmo olhar que percepcionou as potencialidades de dinâmica plástica das chapas metálicas espelhadas, anteriormente referidas, e das quais a Fig. 8 oferece um exemplo. Tendo em conta o que sabemos da progressão do trabalho, é possível estabelecer uma relação, ao nível dos valores da composição com outros exercícios mais tardios: esses valores viriam a reaparecer amadurecidos e com interiorizada força plástica, na ponderação da área em negro que sensibiliza o plano em redor (embora em situações de evocação figurativa) no conjunto dos vinte desenhos para um texto de Jorge de Sena (impressões a partir de originais realizados com recorte e colagem) editados sob o título *Transformações e metamorfoses do sexo*, em 1980⁴.

A transitoriedade da percepção abordada no conjunto das chapas pintadas e recortadas com elementos cinéticos (na sequência da assimilação das condicionantes perceptivas dos objectos metálicos com pêndulo) iria aquietar-se em exercícios de contemplação e na essencialidade do registo da série *Jardins* do início dos anos 70⁵.

³ É possível visualizar um conjunto de 4 reproduções desta série no artigo já referido na nota de rodapé 1: BRONZE, Francisco – *José Rodrigues*. Colóquio – Revista de Artes e Letras. Nº 49 (Junho de 1968), pp. 40 e 41.

⁴ RODRIGUES, José; SENA, Jorge – *Transformações e Metamorfoses do sexo: Vinte desenhos de José Rodrigues com um texto de Jorge de Sena*. Porto: Oiro do Dia, 1980.

⁵ Ver texto de Laura Castro, *Jardins de Memória* In Catálogo *José Rodrigues: Jardins de memória*. Cascais: Fundação D. Luís, 2004.

Jardins de metal em depurações serenas de impressões visíveis e iconografias pessoais, atravessadas pelos *ventos do oriente* que as viagens por ocasião da participação na Exposição Internacional de Osaka deram a conhecer, procurando o registo essencial e único, definidor de uma totalidade. Ou, jardins em plexiglas ou acrílico, o tema sugerindo, neste caso, microcosmos de limites translúcidos. Areias, pedras e fios, espelhos... a simplicidade dos materiais identificava e sublinhava a transparência como invólucro que se nega, numa implícita projecção espacial que reconhecía a impossibilidade de encerrar um jardim ou de o reter num instante de luz.

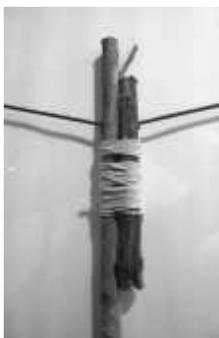


Fig. 14. *S/ Título*, 1971
Bronze, fio de algodão e pedra, 37,5 x 20 cm x 18 cm (incluindo a base de mármore) Convento de S. Paio



Fig. 15. *Jardim*, [finais da década de 60]
Acrílico, areia, espelho, pedra, bússola, 60x60x60 cm Convento de S. Paio

Tendo subjacente o mesmo olhar identificador do que essencialmente coincide na compreensão da realidade acessível ao ser humano, José Rodrigues justapôs representação e objecto, questionou dimensões e realidades. Referiu os termos da representação em séries de desenho a grafite. Proporcionou a compreensão de valores estéticos de materiais e objectos com eles *desenhando* em contínuo com a grafite (Fig.16). Dois níveis de abordagem - que José Rodrigues articulou de modo pessoal - são legíveis nos trabalhos que resultaram desta manipulação de materiais, unindo espaços, estendendo as linhas para o chão que o observador pisa, fazendo flutuar elementos fora do plano da composição: por um lado, enquanto “combine drawings”,



Figs. 16 e 17. *S/ Título*, 1964 e pormenor
Desenho, madeira, fio, 61,5 x 63,5 cm
Convento de S. Paio

integravam as dicotomias *espaço do desenho/ espaço real e tempo da representação/ tempo real* ; por outro lado, através da particular delicadeza na selecção das relações estabelecidas, dos equilíbrios analisados e das associações implícitas, são metáforas de uma consciência ecológica, uma proposta de estreitamento da ligação entre o ser humano e a natureza.

Estas reflexões – que num primeiro momento se sintonizam com as abordagens artísticas às problemáticas ecológicas da década de sessenta - permanecerão no universo do escultor. Contudo, particulariza-as a atenção atribuída às questões de natureza puramente plástica e a intensidade da sua presença. De facto, não secundarizando esses aspectos nem os colocando num nível de funcionalidade em relação à ideia, José Rodrigues definiu então um lugar particular no conjunto das tendências coetâneas. Necessário notar que estes dois níveis, nunca abandonados, teriam mais tarde novas elaborações-síntese noutras dimensões e contexto, como se reconhece em *Esforço* ou *Navegações* obras colocadas no espaço público em Vila Nova de Cerveira.

Na continuação da reflexão sobre *as formas das representações*, graduando cinzentos, descreveu profundidades utilizando a perspectiva geométrica para imediatamente a isolar, enfatizou entradas em paisagens onde o tempo é retido nas sombras, modelou corpos que se alongaram em ambiguidades espaciais, habitando inacessíveis o universo bidimensional (*Variações sobre um corpo*⁶ e, mais tarde, *Desenhos para Os Lusíadas*, cerca de 1982....). No início da década de 70, contrapôs a representação em perspectiva com a bidimensionalidade do plano de representação, articulou de novo positivo e negativo, presença e ausência em composições que relacionaram papel cortado e colado com desenho como na série *Silêncio para uma ágata*. A descrição a grafite



Fig. 18. *Si Título*, 1969
Integrável na série *Variações sobre um corpo* Grafite s/ papel, 65 x 50 cm
Fundação José Rodrigues



Figs. 19. e 20. *Si título*, entre 1970 e 1972 e pormenor
Série *Jardins cheios de silêncio* Grafite s/ papel,
colagem de areia e pedra e acrílico, 68 x 68 cm
Fundação José Rodrigues

⁶ Ver *Variações sobre um corpo*. Porto: Editorial Inova, 1972, Coleção Arte de Amar, 2. A edição compreende 26 desenhos de José Rodrigues e uma selecção de poesia erótica contemporânea da responsabilidade de Eugénio de Andrade. Para além do próprio Eugénio de Andrade os autores dos textos são: Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Irene Lisboa, José Régio, António Botto, Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, Egito Gonçalves, Natália Correia, Alexandre O'Neill, António Ramos Rosa, David Mourão-Ferreira, Fernando Guimarães, João Rui de Sousa, Alberto Lacerda, José Terra, Herberto Helder, José Bento, Pedro Tamen, M. S. Lourenço, Maria Teresa Horta, Armando da Silva Carvalho, Fiamma Hasse Pais Brandão e Gastão Cruz.

contrapôs interrogativamente o vazio do recorte e a materialidade da colagem; logo depois, grafite e colagem desafiaram-se mutuamente em *Jardins cheios de silêncio*.

Rondando 1978, em *Caderno de Botânica* a natureza inspiradora é simultaneamente registo material na obra e memória, evocação e meio. *Da Natureza à Arte e da Arte à natureza*, os elementos vegetais falam da marca das memórias, lugares ou presenças. A informação sensorial é intensificada nos trabalhos tridimensionais (*Jardins cheios de memória*) e a mutação de registos, acrescentando a ideia de integração na terra e consequente assimilação e transformação (e, também, de fossilização) alarga as possibilidades da leitura às *histórias* dos corpos, à escritura dos tempos e experiências nas suas superfícies, que continuamente se torna elemento reorganizador do interior.

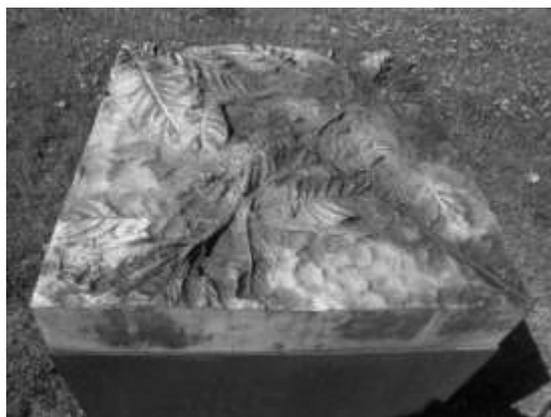


Fig. 21. *Jardim cheio de memória*, ca. 1978
Bronze, 46 x 46 cm x 8 cm Convento de S. Paio

Mas, se essas marcas implicam transposições temporais, outras viagens metaforizadas entre níveis diversos da realidade seriam concretizadas na série de desenhos com recortes e furações, realizados na passagem da década de 70 para 80 e primeiros anos seguintes. O desenho evocava-se a si próprio, revelava-se artifício e ofício, fim e princípio. O papel é simultaneamente suporte e elemento do desenho. Em breve, essa dualidade se processaria na interrogação e no espaço da dúvida onde as sombras, elas mesmas

reinventadas, por sua vez reinventaram profundidades...

As sombras trariam percursos e deslocamentos, confidências e encontros em dialécticas luz/sombra, revelação/ocultação, tema desenvolvido ainda nas séries *Meditações* (Fig. 22) com o encantamento das memórias do oriente e da contemplação do silêncio suspenso entre folhas, troncos ou na erva húmida... e em *Fragments para uma ilha dos Amores* atribuindo à figuração uma maior carga evocativa.

Baco, Europa, Leda e Júpiter... percorrerão espaços da modelação e do desenho (pastel, carvão e colagem) viajando entre abordagens direccionadas para determinadas facetas ou pormenores das suas histórias que José Rodrigues pretende fazer ver ou reinterpretar ... entre dimensões, Sísifo sublimaria o cansaço reservando-se um espaço interior inviolável⁷. O plano do desenho vai-se tornando um outro ecrã povoado de personagens que percorrem milénios: Sara, Judite, Dalila, Susana, Jacob, Abraão⁸... Em 1989, João Baptista reencontra-se interrogando o desenhador – ou o desenhador

⁷ Ver Catálogo José Rodrigues: do silêncio ao desenho e do desenho a Salomé. Porto/V.N. Cerveira: Árvore/Câmara Municipal de V. N. Cerveira, 1991.

⁸ Sobre estas figuras ver Catálogo *José Rodrigues*. Porto. Galeria Nasoni, 1987.

interroga-se interpelando João Baptista⁹. Na espessura enevoada do toque do pastel no papel, na sobreposição das cores, na indefinição da mancha se envolve Salomé, senhora do tempo, coreografando bailados e paixões. A sua presença tem acompanhado José Rodrigues, aquém e além das dimensões do suporte papel, melancólica, encenando variações de atitudes e poses, paradoxal. Nas configurações que lhe atribui, José Rodrigues explora confrontos e dicotomias, em patines e polimentos, asperezas e suavidades. Através dela se reencontra e reencontra desejos e afectos ou, simplesmente, a tão humana aspiração de superar uma indizível e indisciplinável nostalgia.¹⁰

Mensageiros alados e anjas sedutoras vão traçando lugares de indecisão, de



Fig. 22. *Meditações*, 1983
Grafite s/ papel, ca 33,5 x 25
cm Fundação José Rodrigues



Fig. 23. *Salomé*, ca. 2005
Bronze, patinado e polido, 200 x 81 x 57 cm
Fundação José Rodrigues, Fábrica Social

dualidades, de conflitos, de desejos... o desenho materializa-se e desmaterializa-se em grafismos e esbatimentos, no voo ou na sua impossibilidade apesar das asas. Regressará Ícaro em escultura linear metálica (Sede da Sociedade Portuguesa de Autores, 1999; Escola das virtudes, 2006) desafiando o sol.

A série de Cristos, com origem em pesquisa ao encontro da configuração do Cristo para o Seminário Diocesano de Viana do Castelo (que viria a ser concluído em 1999), constitui um núcleo amarguradamente expressionista, incorporando gritos e desesperos de tempos e origens vários. As soluções formais que acompanham os passos da paixão, podem ser assimiladas a outras situações emocionais de compreensão mais acessível e comum. Crucifixão, descimento da cruz, pietà...participam de um outro nível de tensões reconhecíveis num quotidiano permeado de várias modalidades de violência, e adquirem sentido no imaginário e sensibilidade colectivos¹¹.

⁹ Ver Catálogo *Salomé e João Baptista: Desenhos de José Rodrigues* Texto de Eugénio de Andrade. Porto: Árvore, 1989.

¹⁰ Ver, a este propósito: SOARES, Maria Leonor Barbosa - *Movimentos dentro do olhar: perspectivas sobre a interpretação de Salomé por José Rodrigues*. Actas do I Seminário Internacional Luso-Brasileiro Artistas e Artífices do Norte de Portugal, FLUP, 2006. In FERREIRA-ALVES, Natália Marinho (Coord.) - *Artistas e Artífices no Mundo de Expressão Portuguesa*. Porto: Cepese, 2008.

¹¹ Os estudos desenvolvidos durante a preparação de um *Painel escultórico* para um altar de uma capela particular, em Cimo de Vila, Esposende, deram origem a um notável núcleo de trabalhos em baixo, médio e alto relevo, no qual a obra reproduzida na Fig. 24 se integra. O painel foi colocado em 2002 e é constituído por 44 quadros: 23 quadros figurativos (divididos por vários registos temáticos - Paraíso/ Tentação; Anunciação; Vida de Cristo; Paixão - e um dedicado a N. Sr^a. De Lourdes) e 21 vegetalistas. No convento de S. Paio encontram-se em exposição permanente, um conjunto significativo de placas em barro e bronze dessa série.

Fig. 24. *Cristo*, 1999
Bronze,
60 x 41 x 9cm
Convento de S. Paio



Fig. 25. *Cristo*, 2001
Bronze,
60 x 30 x 30cm
Fundação José
Rodrigues, Fábrica
Social

A imediatividade da técnica de modelação em pequeno formato mantém-se campo de expressão de emoções e preocupações. Lugar de registos de rostos anónimos, de atitudes ou acções, sentimentos... Lugar de concretização de algumas denúncias e apelos. A intimidade com o material propicia a ocasião do gesto rápido e furtivo. Ou, sobre a pele conduz a carícia do barro-terra. Em 2003, *O sentimento Trágico da Vida* - com resolução paralela no desenho na simplicidade da forma do perfil das figuras - documenta a relação da obra com o contexto social e político. Contudo, se a situação palestiniana inspirou efectivamente um grande número de imagens, pelo registo essencial, pela forma-base cilíndrica que as unifica, pelo significado dessa forma associada ao procedimento de recuperação do material, elas tornam-se capazes de abarcar dores universais mas, também, de se afirmar símbolos de resistência e sobrevivência.

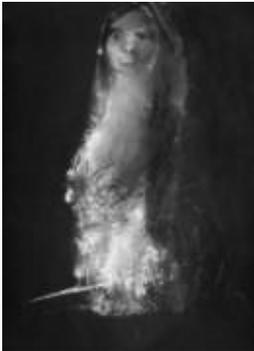


Fig. 26. *Si Título* [Série O Sentimento Trágico da Vida],
Ca. 2002
Pastel e carvão s/ papel, 30 x 23 cm
Convento de S. Paio

Fig. 27. *Si Título* [Série O Sentimento Trágico da Vida],
Ca. 2002
Grés patinado e encerado, 30 x 10 x 10,5 cm

Uma vertente da produção de José Rodrigues com notável impacto cultural e social, é constituída pela obra escultórica realizada para espaços públicos, mais sujeita a contingências de encomenda e imposições do programa pelo que, por vezes, menos sintonizada com a orientação geral da pesquisa plástica. No entanto, algumas obras merecem ser salientadas pelos valores conceptuais ou plásticos intrínsecos. Dessas, um notável número incorpora a água como elemento essencial da composição, com função enquanto elemento visual e determinação enquanto elemento conceptual, estabelecendo relações tangíveis e intangíveis em redor: *O Cubo*, na Praça da Ribeira no Porto (implantado em 1983 e inaugurado 23 de Junho de 1984), sustido por um

jacto de água que o equilibra por um vértice, em analogia ao rio que suportou a formação e crescimento da cidade; *Esforço* obra colocada em Vila Nova de Cerveira, em 1983, que inclui, no corpo da pedra, erosão-marcas de memórias que fluem mas que a modelam, afeiçoando-a permanentemente; *A Pérola*, na Rotunda da Amizade, em Macau, conjunto escultórico inaugurado em 1997¹² em que o sentido totalizador da água integra elementos da simbologia universal associada tradicionalmente ao jardim chinês; *Recontro de Valdevez* em Arcos de Valdevez, de 1999¹³, fazendo a ligação com a natureza envolvente por meio dos reflexos. Inspiradora de desejos aspirações, a água é também evocação de meio ou suporte de realizações na *Praça-Monumento D. João II*, em Vila do Conde em 2001; e em o *Monumento ao Empresário*, no Porto, inaugurado em 1992 (conjunto escultórico frequentemente objecto de observação desatenta) é um dos elementos de um eficaz jogo de espelhamentos e projecções com amplitude metafórica ¹⁴.



Fig. 28. *Esforço*, 1983
Aço, ferro Aço, ferro, pedra
erodida naturalmente, água
Vila Nova de Cerveira



Fig. 29 e 30. *Monumento ao Empresário*, 1992 e detalhe
Granito, mármore, vidro e água Porto

A noção de construção, está implícita em obras como o Monumento ao 25 de Abril, Viana do Castelo, inaugurado em 1999¹⁵, o Monumento ao 25 de Abril, Bragança, 2003 e o Monumento ao Móvel em Paços de Ferreira que recuperam as questões de relacionamentos de planos e as ambiguidades plano/linha em interacção com o

¹² Ver SOARES, Maria Leonor Barbosa - *José Rodrigues: desenbandando lugares, ligando histórias e mares*. In Actas do VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, Porto 2005. Porto: FLUP, 2007. Disponível em WWW : <URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6163.pdf>

¹³ Ver SOARES, Leonor Barbosa - *Retóricas do Espaço - segundo quatro esculturas em terras do Lima*. In AFONSO, José Ferrão (Coord.) - Vale do Lima: memória, sentimento, situação. Ponte de Lima: Valima, 2002.

¹⁴ Não inserimos neste grupo trabalhos como A Anja (Praça de Lisboa, Porto, 1996) ou a Fraternidade (Praça Cidade do Porto, Recife, 1995), por considerarmos trabalhos com intencionalidades plásticas diversas dos referidos embora associadas a fontes. Entre si, têm em comum um nível de funcionalidade como elementos valorizadores do espaço.

¹⁵ Ver SOARES, Leonor Barbosa - *Retóricas do Espaço - segundo quatro esculturas em terras do Lima*. In AFONSO, José Ferrão (Coord.) - Vale do Lima: memória, sentimento, situação. Ponte de Lima: Valima, 2002.

observador, em construções de aço revestidas a chapa de aço corten. Outras questões sobre o tempo se tornam legíveis através da utilização deste material: deixa-se alterar à superfície, oxidando-se em tonalidades de vermelho e aparente corrosão mas, se desse modo explicita o envelhecimento, a ele está associado a uma particular e superior resistência.



Fig. 31. *Monumento ao 25 de Abril*, 1999
Estrutura de aço, chapa de aço cortén e corrente de aço inox
Viana do Castelo



Fig. 32. *Monumento ao 25 de Abril*, 2003
Estrutura de ferro, chapa de aço cortén e aço inox
Bragança



Fig. 33. *Monumento ao Movel*, 1997
Aço, aço cortén, bronze e água
Paços de Ferreira

A articulação entre um sólido geométrico paralelepípedo, sóbrio e fechado, e a figuração registada em desenho na sua superfície que evolui entre as duas e três dimensões estabelecendo uma ligação física com o espaço envolvente, são aspectos comuns ao *Monumento a Ferreira de Castro*, obra concluída em 1987 e inaugurada em 1988, junto à Foz do Douro e ao *Monumento a D. António Barroso* também realizado para o Porto, para o largo 1º de Dezembro, em 1999. Nos dois casos essa ligação se expande em múltiplos sentidos sugeridos pelas histórias de vida e realizações das pessoas homenageadas.

Do grupo de obras que se define em íntima relação com as arquitecturas, destacamos o *Obelisco* colocado junto à fachada da Faculdade de Economia do Porto (resultado de longa colaboração entre o escultor e o arquitecto: já previsto no projecto do Arquitecto Viana de Lima, conforme desenho de 1964, constante no Catálogo dedicado à obra do arquitecto¹⁶), elemento que dinamiza a volumetria e as linhas de força do contorno do edifício; em colaboração com o mesmo arquitecto, os conjuntos escultóricos na entrada do Casino Park Hotel (actualmente Pestana Casino Park) no Funchal, são obras integráveis na série das chapas pintadas e recortadas que contrapõem as construções (em massa) de volumes prismáticos no jardim (1976-1979); entre as esculturas metálicas lineares corporizando desenho e expandindo-o em relações espaciais com a paisagem, *Navegações*, já referida, na margem do rio em Vila Nova de Cerveira, 1989 e, *Evocação*

¹⁶ Catálogo *Viana de Lima arquitecto 1913 1991*. Lisboa/Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/Árvore - Centro de Actividades Artísticas, 1996.

Simbólica à Memória dos Descobrimentos na Área de Serviço Santo Tirso, sentido S-N.¹⁷

No que se refere às outras disciplinas artísticas em que José Rodrigues se tem movimentado, destacamos, num breve panorama, o contributo para a cenografia portuguesa, com propostas cénicas que, desde meados da década de sessenta, foram abrindo novas perspectivas. Timidamente, a diferenciação de espaços na reduzida área onde a vida decorre em *Desperta e Canta* (TEP, 1965) ou o fechamento angustiante de *O gebo e a Sombra* (TEP, 1966). Progressivamente, a abordagem ao cenário com sensibilidade de escultor vai ganhando substância, declarando-o objecto e actor. Os valores de plasticidade afirmar-se-iam no espectáculo *Nambam Matsuri* (Osaka, 1970) na concepção visual das cenas relacionadas com as facetas suaves e assustadoras do *mar português* dentro de uma sequência onde colaboraram também Júlio Resende, Amândio Silva e Ângelo de Sousa. Logo depois, a “activação” dos objectos cénicos e do cenário ganharia relevância. Em *Breve Sumário da História de Deus* (TEC, 1970), embora utilizando uma estrutura minimalista, algo próxima de uma jaula metálica, José Rodrigues estabeleceu uma dinâmica de ligação com o público sem paralelos naquele contexto do teatro português. Em 1994, numa diferente versão da mesma peça que teve a participação dos Delfins, José Rodrigues iria criar novas interações mantendo a mesma estrutura-base mas duplicando o espaço em altura e revestindo com um enorme espelho uma das paredes do cenário. Para *Antígona* na interpretação de José Cayolla (Os Plebeus Avintenses, 1971) José Rodrigues desenhará manequins-actores concretizando em imagem a ideia do anonimato do trabalhador. A concepção do impressionante cenário-objecto de *A Casa de Bernarda Alba* (TEP, 1972), - a eficácia da utilização dos materiais sublinhando o sentido do texto, a criação de sinestésias que contribuíam e ampliavam as noções de isolamento e amortecimento, fechamento e claustrofobia e conseqüente percepção das relações de poder/submissão, impotência/revolta entre as personagens - notabilizou o escultor como cenógrafo no panorama português e projectou-o internacionalmente. Teve pertinência semelhante o tratamento dos materiais em *Os Emigrantes* (TEP, 1977) e em *Yerma* (TEP, 1979) - as experiências sensoriais proporcionadas tiveram um determinante *papel* na apreensão do texto. Outras cenografias se distinguiram pelo imaginário espacial proporcionado por delicadas estruturas não descritivas mas evocativas, pelas geometrias e indicações sucintas de espacialidades como em *O Soldado e o General* (TEP, 1975), *Schmurz ou os construtores do império* (TEP, 1977). A criação de um palco em foço, numa invulgar situação relacional entre os espectadores e os actores, tornaria *Perdidos numa noite suja* (Seiva Trupe, 1978) um trabalho marcante no percurso do escultor que, no ano seguinte, traria outra solução de envolvimento do público, ao criar uma forte aproximação com a actriz e uma surpreendente ligação à experiência de uma refeição familiar, em *Feliz Natal avozinha* (Grupo Teatro Hoje, 1979). A criação de sentidos através de indicações minimalistas; a afirmação da presença física dos objectos e sua expansão como organizadores dos espaços e dos conceitos; os efeitos visuais das

¹⁷ Esta é uma selecção que consideramos significativa dentro da perspectiva abordada. Em anexo, deixamos o registo das obras de José Rodrigues realizadas para espaços públicos ou espaços privados com carácter de acessibilidade ao público.

superfícies polidas e espelhadas com consequências no jogo de percepções, associação memórias e pensamentos, foram algumas das estratégias que José Rodrigues explorou. O despojamento do cenário de *Os Amantes Pueris* (Grupo Teatro Hoje, 1976) e de *À porta fechada* (Grupo Teatro Hoje, 1978) é intensificado em contraste com a força do objectos em cena na peça de Crommelynck e, no caso da peça de Sartre, da rede que tudo parece envolver. O jogo de espelhamentos, transparências, em contraste com as asperezas, em *O Equívoco* (Grupo de Teatro Hoje, 1977) e em *Pedro, O Cru* (Teatro D. Maria II, 1982) revela um entendimento do âmbito de acção das texturas e formas que tem subjacente a experiência de escultor. Ela estaria também presente na concepção de da estrutura de níveis espaciais que se vão progressivamente revelando em *O estranho caso do trapezista azul* (Seiva Trupe, 1998) e no minimalismo da estrutura da composição geométrica e cromática de *Medeia* (TEC, 2007).¹⁸

No âmbito da medalhística, desde a década de sessenta – José Rodrigues propôs soluções plásticas que o colocam na esteira da adopção do conceito de medalha-objecto. A medalha do Cinquentenário da morte de Amadeo de Souza-Cardoso, realizada em 1968, mantém o formato circular tradicional mas é um exemplo do interesse pelas potencialidades deste suporte (relacionando os valores de inspiração cubista no tratamento da figura com valores de design gráfico) por certo adquirido na sequência do convívio com Barata Feyo. Notáveis qualidades gráficas e compositivas estão também patentes na medalha comemorativa do 40º aniversário da empresa Abreu & Companhia, Indústrias Tabopan, de 1969. Mas, várias experiências ao nível dos formatos e materiais foram envolvendo o escultor das quais se apontam brevíssimos exemplos, apenas como indicadores: interacção de elementos - a articulação de peças na medalha (*Companhia Portuguesa Rádio Marconi* de 1974, *Associação Industrial Portuense 1849-1999*, 1999; *Centenário do Boavista Futebol Clube*, em 2003); criação de elementos de ligação de espaços correspondentes ao verso e ao anverso, (*Segurança e Cooperação Europeias*, 1973; *Grémio dos Exportadores de Vinho do Porto 1933-1973*, 1973); justaposição de materiais diferentes na mesma peça – bronze e aço (*Associação 25 de Abril*, 1997), bronze e madeira (*Mobilis 2000*), bronze e prata (*Du Madère au Porto*, 2002), bronze, fitas e esmalte (*85 Anos do PCP*, 2006); a recusa do limite tradicional do campo de composição

¹⁸ Para além das 18 cenografias referidas, José Rodrigues realizou cenários para *Rita* (Círculo Portuense de Ópera, 1968), *O Cábula* (Círculo Portuense de Ópera, 1970), *La Serva Padrona* (Círculo Portuense de Ópera, 1970), *O Casaco encantado* (TUP), *Fuente Ovejuna* (TUP, ca. 1969), *Azul Negro* (TUP, 1970), *O Ganso de Ouro* (TEP, 1972), *O Farruncha* (TEP, 1975), *As Artimanhas de Scapino* (TEP, 1976), *Os Preços* (TEP, 1977), *As Histórias de Hakim* (TEP, 1978), *O casaco encantado* (TUP, 1979), *A agonia do defunto* (TEP, 1979), *Restos* (Seiva Trupe, 1979), *Confissão* (Seiva trupe, 1979), *Yerma* (TEP, 1979), *Portugal, anos quarenta* (TEC, 1982 e 1996), *A história do jardim zoológico* (Cena-Companhia de Teatro de Braga, 1982), *Amor de uma mulher* (Seiva Trupe, 1984), *Toda a nudez será castigada* (Seiva Trupe, 1984), *Eróstrato* (Seiva Trupe, 1986), *A birra do morto* (TEP, 1986), *Hamlet* (FCG, 1987), *Hamlet* (FdC, 1987), *Antígona* (Seiva Trupe, 1988), *Terra de Lobos* (Teatro do Noroeste, 1996), *O Crime da Aldeia velha* (Companhia do Teatro Nacional D. Maria II, 1996), *Henriqueta Emília da Conceição* (TEP, 1997), *Frei Luís de Sousa* (Companhia do Teatro Nacional D. Maria II, 1999), *Dali* (2005).

Realizou, também, o desenho de figurinos para *D. Caio* e *A Galinha de ovos de Oiro* (TUP, 1970) e, paralelamente às cenografias já indicadas, nos casos de *Fuente Ovejuna*, *Desperta e Canta*, *O ganso de Ouro*, *A Casa de Bernarda Alba*, *O Soldado e o General*, *O Farruncha*, *As Artimanhas de Scapino*, *Os Amantes Pueris*, *O equívoco*, *Os preços*, *As histórias de Hakim*, *Porta fechada*, *Feliz Natal Avozinba*. Foi o responsável plástico pelo *Cortejo Comemorativo dos 650 anos da morte de Inês de Castro*, (Montemor-o-Velho, Coimbra, Alcobaça, 2005).

(*Gabinete da Ponte Ferroviária sobre o Douro*, 1986; *O Fotojornalismo Hoje/ Exposição Comemorativa dos 150 anos da Fotografia*, 1989; *Acção de Sensibilização nas Escolas para a Prevenção de Incêndios Florestais*, 1996, *50 Anos Estádio Universitário*, 2006)... de uma maneira geral, aproximando a medalha da escultura (*Futebol Clube do Porto*, 1993; *Associação 25 de Abril*, 1995; *Cristo Fonte de esperança*, 2000; *Cívbral*, 2001; *Inauguração da Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico em Paredes de Coura*, 2005).

Conclusão:

Consideramos linhas fundamentais da obra de José Rodrigues, a utilização dos materiais como instrumentos de redefinição das disciplinas artísticas e a sua subjectivação como corpo, realidade física comunicativa. Nos seus trabalhos, evoca ou concretiza plasticamente teias de reflexos e projecções. As superfícies reflectoras, elementos recorrentes nas suas realizações, multiplicando formas em ecos intermináveis, são objecto-metáfora: devolvem imagens de outro modo invisíveis, mas devolvem-nas *em relação*. Das interacções que a luz sobre elas protagoniza, José Rodrigues retira a lição das situações formais que se tornam indicadores de *activação*... do observador, de um grupo, de uma comunidade. Se encadeia percepções e estímulos enquanto construtor de relacionamentos entre formas e materiais, essa atitude repercute-se noutras áreas de intervenção: na actividade de docente (que iniciou em 1963, tendo-se aposentado em 1995, 32 longos anos de uma actividade pedagógica que proporcionou inovadoras experiências na área da escultura na escola de Belas Artes do Porto), a actividade política, a mediação e acção cultural, na qual se destaca a participação na fundação da Cooperativa de Actividades Artísticas Árvore, na criação de “O Arbusto” em 1980 e na criação da Cooperativa de Ensino Superior Artístico Árvore I e da Cooperativa de Ensino Polivalente Artístico Árvore II, em 1982, a dinamização do espaço do Convento de S. Paio em Vila Nova de Cerveira, a assessoria do Ministro de Equipamento Social em 1984 e 1895, a colaboração na Escola Profissional de Artes e Ofícios de Vila Nova de Cerveira e na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, a criação e dinamização da Fundação José Rodrigues e, transversalmente a todas as outras realizações, o estabelecimento de pontes de diálogo cultural entre Portugal e Angola.

ANEXOS:

Relação dos monumentos e esculturas realizados para espaços públicos ou espaços privados com carácter de acessibilidade ao público, entre 1965/66 e 2009:

- 2008/2009** *Caramuru*, Viana do Castelo
- 2008** *General Humberto Delgado*, Porto
Cristo, Igreja de S. João de Ver, Santa Maria da Feira
- 2007** *Alegoria às Artes*, Cine-Teatro Brazão, Valadares
Conjunto escultórico Fragmento para as Ninfas do Tejo e painel escultórico
Ilha dos Amores, Hotel Sheraton, Lisboa

- 2006** *Cristo*, Igreja dos Pescadores, Matosinhos
Atletas, Estádio Universitário de Lisboa
Ícaro, Escola das Virtudes, Porto
- 2005** *S. Teotónio*, Ganfei
S. João da Cruz, Aveiro
Orfeu, homenagem a Pedro Homem de Melo, Afife
Memorial a Eugénio de Andrade, Foz, Porto
Rei Momo e Máscara, (elementos de um conjunto escultórico alusivo ao Carnaval), Ovar
Expulsão do Paraíso, Escola Secundária Soares Bastos, Oliveira de Azeméis
- 2004** *Homenagem à Indústria da Seda* (também designado *Tear* ou *Homenagem ao Tecelão*), Bragança
- 2003** *Monumento ao 25 de Abril*, Bragança
Flor de laranjeira, fachada do edifício do BPI, Luanda
Menino da Rotunda do Noro, Boticas
Cego de Cerejais, Santuário do Sagrado Coração de Maria, Cerejais
- 2002** *Painel escultórico para Capela Particular*, Cimo de Vila
Mistérios da Infância do Menino Jesus, conjunto de 12 placas escultóricas, Convento de Avesadas, Marco de Canavezes
Homenagem a Francisco Carvalho Guerra, Placa escultórica, UCP, Pólo da Foz
Homenagem a Tomaz de Figueiredo, Placa escultórica, Biblioteca Tomaz de Figueiredo, Arcos de Valdevez
Homenagem a Joaquim Pinheiro de Azevedo Leite Pereira, Placa escultórica, Provesende
Homem com a Cabeça nas Mãos, (elemento de um conjunto escultórico alusivo ao Carnaval), Ovar
O Lugar dos Poetas, conjunto escultórico, Barcelos
Garrafa Mateus, Sogrape, Avintes
- 2001** *Praça D. João II*, praça e conjunto escultórico em Vila do Conde
D. António Ribeiro, Celorico de Bastos
Nossa Sr.^a da Consolação, Casa Melo e Alvim, Viana do Castelo
Panteras, Porto
- 2000** *Francisco*, Basílica de Fátima
- 1999** *Monumento ao 25 de Abril*, Viana do Castelo
Escultura alusiva à lenda de Santa Comba, Câmara de Valpaços (Inauguração)
Monumento a D. António Barroso, Porto
Monumento ao Padre Ângelo Ferreira Pinto, Perafita

- Recontro de Valdevez*, Campo do Trasladário, Arcos de Valdevez
Ícaro, Sede da Sociedade Portuguesa de Autores, Porto
Cristo, Capela do Seminário Diocesano de Viana do Castelo
A Sentença de Salomão, Tribunal de Vila Nova de Cerveira
- 1997** *Monumento ao Móvel*, Paços de Ferreira
A Pérola, Macau
Fonte da Sabedoria, Paredes de Coura
- 1996** *Anja*, Banco Borges & Irmão (sede), Porto
Anja, Praça de Lisboa, Porto
Homenagem a Mário Cal Brandão, placa escultórica, Porto
- 1995** *Fraternidade*, grupo escultórico na Praça Cidade do Porto, Recife
 Escultura em memória de Oliveira Martins, Porto
*Peça escultórica alusiva à Associação dos Bombeiros Voluntários
 Portuenses*, Quartel BVP
Monumento para Inês Negra, Melgaço
Homenagem ao Comandante Jeremias Clemente Ferreira, Alfândega da
 Fé
Homenagem ao Duque da Ribeira, placa escultórica, Porto
 Conjuntos escultóricos para o Europarque, Santa Maria da feira
- 1994** *Monumento ao Infante D. Henrique*, New-Bedford, USA
Homenagem a Arala Chaves, placa evocativa, Ovar
Evocação Simbólica à Memória dos Descobrimentos, Área de serviço de
 Santo Tirso
- 1993** *Monumento ao 25 de Abril*, Braga
Fonte da Vida, Barragem do Lindoso
Anjo Protector da Cidade, Mercado Abastecedor do Porto
Santo António, Santuário de St.º António, Vila Chã
- 1994(Ca)** *Hera*, Centro Comercial Capitólio, Porto
- 1992** *Monumento ao Empresário*, Porto
Prometeu, Campus Universitário de Gualtar, Universidade do Minho
Homenagem ao Construtor, AICCOPN, Porto
Fonte, ETAR, Parada, Maia
Arcanjo S. Gabriel, Companhia Portuguesa Rádio Marconi, Lisboa
A Expulsão do Paraíso, Tribunal de Santa Maria da Feira
- 1990** *Navegações*, monumento aos navegadores, Vila Nova de Cerveira
 Conjuntos escultóricos para edifício da PT em Tenente Valadim, Porto:
 Feixe (exterior), Baixo-relevo (exterior) Conjunto vegetalista (átrio) -
 (inauguração)
- 1989** *Monumento ao Pescador*, Viana do Castelo
- 1988** *Monumento a Ferreira de Castro*, Foz do Douro, Porto

- 1985** *N. Sr^a. das Neves*, Estalagem de N. Sr^a. das Neves, Almeida
- 1983** *Cubo*, fonte escultórica, Praça da Ribeira, Porto (colocação; 1983; inauguração: Junho de 1984)
Esforço, Vila Nova de Cerveira
- 1976-79** Conjuntos escultóricos para o Casino Park Hotel (actualmente Pestana Casino Park), no Funchal
- 1974-76** *Escultura*, BPI, Viana do Castelo
- 1973** Escultura para o Hospital de Bragança
- 1972** *A Lei*, Tribunal Judicial de Vila do Conde
- 1964-74** *Obelisco*, Escultura para a Faculdade de Economia do Porto
- 1970 (?)** *ADN*. Jradim do Hospital de Magalhães Lemos, Porto
- 1968** Grupo Escultórico, BNA, Luanda
- 1965-66** *A Lei*, Tribunal da Comarca do Sabugal